

1492, Um Simulacro do Paraíso

*Por Francisco Eduardo Menezes Martins**

“Me había alejado demasiado, volando hacia el futuro, y se apoderó de mí un escalofrío de terror. Cuando miré en torno a mí, comprobé que sólo estaba acompañado por el tiempo”
(NIETZSCHE, ‘Así habló Zaratustra’)

“A cultura americana é a herdeira dos desertos. Estes não são uma natureza em contraponto das cidades; eles designam o vazio, a nudez radical que está no ckground de todo o estabelecimento humano. Aõ mesmo tempo, designam os estabelecimentos humanos como uma metáfora desse vazio, e a obra do homem como a continuidade do deserto, a cultura como miragem e como perpetuidade do simulacro.” (BAUDRILLARD, ‘América’)

O oceano. O homem. A caravela: Cena primitiva e desértica da aurora da Idade Moderna. Cinco séculos depois, outubro de 1992, Madri, Espanha. Um grande cinema. Simulação da chegada de Colombo de sua primeira viagem à América. Gerárd Depardieu e Ridley Scott vêm mostrar sua ‘América’ aos espanhóis, em primeira-mão.

Na tela, um simulacro de história. O descobrimento de Ridley Scott, mais real que o próprio descobrimento. Dissimulação de silêncios ou arte pós-moderna? Talvez um pouco de cada. Com certeza, um espectro entre dois espelhos que refratam na geografia da utopia, o mapa etnológico da moral da conquista.

Da filosofia da história, das grandes metanarrativas¹, o cinema proposto por Scott é

uma metanarrativa tecnológica e uma clonagem do imaginário espanhol, e de cada homem europeu. Lenda negra, para os índios, e lenda rosa, para os brancos. ‘1492’ é, portanto, mais rosa do que negro. O descobrimento é o do encantamento político e narcisista de uma sociedade que busca no simulacro de glórias remotas, a metáfora das utopias realizadas.² Europa 1992: quem conquista quem? A literatura é fábula e poesia americana. Scott conta a conquista do novo-mundo a partir de um Colombo, diante do mar, com seu filho, Fernando. A certeza de Colombo no futuro além do horizonte de ‘la mar oceánica’, partia do presente. As diversas versões sobre sua verdadeira origem, até hoje não provaram nada. Tanto no filme como na história, Colombo não possui passado porque o dissimulou para simular-

se como o próprio futuro. O signo Colombo é signo da ressurreição dos heróis injustiçados da modernidade. Somente foi reconhecido como o autor da 'odisséia' no século XIX.

O Colombo injustiçado e o semi-divino conviviam no imaginário do homem espanhol de 1892, ano do quarto centenário do descobrimento da América e da primeira comemoração oficial.

Os ilustrados de Madri e Barcelona pregavam o caráter messiânico do almirante. O ex-presidente espanhol, Emilio Castelar, também historiador e escritor, tinha uma versão muito particular, publicada nos jornais 'El Imparcial' e 'La Época', de Madri, sobre a primeira visão da América. Teria sido a imagem de um distante ponto de luz em movimento, contrastado com a escuridão da noite de 11 de outubro de 1492. Colombo estaria rezando no convés quando assistiu à cena.³ Teria vislumbrado o futuro da humanidade, na luz, na metáfora da imagem, nos silêncios da não-imagem e no horizonte quimérico da América?

Já os índios mortos, estes não sangram. Apenas choram por terem sido pisados como degraus na escada da causa da civilização. Objetos obliterados de sua própria história.

Jean Baudrillard compara a fascinação provocada pela descoberta da múmia do faraó Ramses II, há pouco mais de quinze anos, com a dos cristãos da renascença com os índios da América: Houve, assim, conforme o pensador francês, "nos princípios da colonização, um momento de estupor e deslumbramento perante a própria possibilidade de escapar à lei universal do Evangelho. Então, das duas uma: ou se admitia que essa lei não era universal ou se exterminavam os índios para apagar as provas. De uma maneira geral contentaram-se em convertê-los, ou mesmo simplesmente descobri-los, o que bastaria para a

sua exterminação lenta."⁴

Os sobreviventes colonizados fundiram-se em latino-americanos e tornaram-se seres, operacionalmente naturais e selvagens. Atratores estranhos⁵ no horizonte de uma Europa velha e cansada. Fracasso da modernidade tardia. Scott revela imagens carregadas de energia não controlada, como a tempestade que destrói Santo Domingo. A vingança da natureza violentada em sua própria natureza. Homens bons e maus habitavam o paraíso conquistado. Este, ao ser investigado e civilizado, morreu sem identidade. Apenas com a ecológica marca de seres exóticos e tropicais em vias de extinção. Habitantes de reservas naturais mais naturais que a própria natureza. a saturação de natureza. A natureza ecológica: a hiper-natureza.

Scott imaginou a América do futuro em Blade Runner e dotou o imaginário colombino de uma lógica da América do futuro. Índios e andróides policiais e conquistadores. Los Angeles e Santo Domingo. Em nome do homem e de seu território. Lei de ordem. Os índios estavam antes do homem civilizado, o homem civilizado destrói o índio e destrói a si mesmo. Constrói o andróide e o andróide destrói o homem. O homem destrói o andróide. Evolução humana? O homem civilizado além de matar o natural, extermina suas criaturas frankstenianas como solução natural.

Caçadores de andróides ou de índios, os heróis Harrison Ford e Gerard Depardieu encarnam personagens que vislumbram humanidade contra o consenso de onde pensam reavê-la encontrado: em replicantes e índios. América primitiva aos olhos do europeu e América primitivizada pela tecnologia humana.

De qualquer forma, à distância do tempo, o virtual aproxima os fotogramas da realidade que a

separa do primeiro passo rumo ao começo da era planetária.⁶

Desenvolvimento e progresso de um modelo utópico processador de transformações que alcançam o fenômeno da rebelião das massas⁷ e resultam na emergência das maiorias silenciosas.⁸

Basta observar as agências de turismo do antigo continente para comprovar o fascínio que as praias paradisíacas e a beleza 'selvagem' das pessoas da América tropical, da qual o Brasil está no primeiro time, exerce no homem da União Européia. Das américas preferidas pelos europeus, a tropical conserva o encanto da simulação de 'colombos' em férias, que descobrem mulheres esculturais, caipirinhas, margaritas e daiquiris, como o almirante a América, há 504 anos atrás.

Voltando à tela, vê-se o acúmulo de fatos históricos fragmentados em um vídeo-clip em câmera-lenta, que torna o filme superficial e cansativo. Nem a caricatura de Isáel La Católica, encarnada por Sigourney Weaver, e nem a trilha sonora épico-indígena, de Vangelis. Nada disso é mais importante que a cultura fractal nascida do mágico hiper-circo, que foi 1992, na Espanha. A imagem orbital da conquista do novo-mundo é o olhar de Scott. Um olhar sem sedução. Uma musa -América- sem poeta. Transplante de memória virtual. Metástase entrópica-centrífuga.

Fora da tela, Pedro Almodóvar defendia a reserva de mercado espanhol contra o que considerava 'privilegio' do governo de seu país a uma produção estrangeira. No caso, o filme de Scott.

O diretor 'manchego' recebeu a solidariedade de vários diretores espanhóis, que também consideravam, um absurdo os 20 milhões de dólares de 'apoio cultural' do governo socialista.⁹

"1492" dividia a atenção da mídia

'colombizada', com outra produção que trazia Marlon Brando, como o cardeal-inquisidor Torquemada, e Tom Selleck, como o rei Fernando el Católico. O calendário cultural confrontou dois filmes e a opinião generalizada era que Scott havia vencido o guerra dos 'Colombos'.

A saturação de hispanidade foi além do V Centenário: Olimpíadas de Barcelona, Exposição Universal de Sevilha e Madri, capital européia da cultura. O sentimento de pós-orgia nacionalista tomou conta do público que deixava a sala do Palacio de la Prensa, na estréia do filme, na capital espanhola.

A cultura secular estava fractada na órbita das redes. Isto era irreversível como o olhar do tempo. Scott e 1492 foram uma 'tarde de toros en la feria' ibero-tecno-burocrática de Felipe González. E isto é irreversível, como o próprio outono da modernidade no oeste daquele 1992 espanhol.

*Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Complutense de Madrid e professor da FAMECOS/PUCRS.

1) LYOTARD, Jean-François, *A Condição Pós-Moderna*, Lisboa, Gradiva, 1989

2) BAUDRILLARD, Jean, *América*, Rio de Janeiro, Rocco, 1986

3) EL IMPARCIAL, Madrid, 12/10/1892, suplemento do IV Centenario.

4) BAUDRILLARD, Jean, *Simulacros e Simulação*, Lisboa, Relógio D'Água, 1991

5) BAUDRILLARD, Jean, *A Transparência do Mal*, Campinas, Papyrus, 1992

6) MORIN, Edgar e KERN, Anne B., *Terra-Pátria*, Porto Alegre, Sulina, 1995

7) ORTEGA Y GASSET, José, *La Rebelión de las Masas*, Madrid, Espasa, 1995

8) BAUDRILLARD, Jean, *À Sombra das Maiorias Silenciosas*, SP, Braziliense, 1994

9) EL PAÍS, 01/03/92